



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JULIANE SOUSA SILVA**

**A LITERATURA INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO  
LEITOR**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

**JULIANE SOUSA SILVA**

**A LITERATURA INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO  
LEITOR**

Artigo relativo ao Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

CAMPINA GRANDE – PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586l Silva, Juliane Sousa  
A literatura infantil e a sua contribuição para a formação do leitor [manuscrito] / Juliane Sousa Silva. - 2016.  
27 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Departamento de Educação".

1.Leitura. 2.Desenvolvimento infantil. 3.Infância. 4. Literatura infantil. I. Título.

21. ed. CDD 808.068

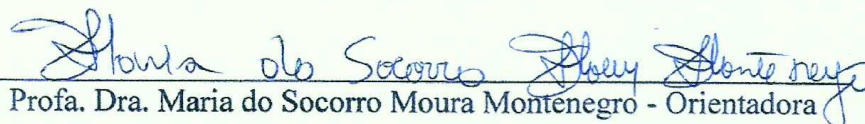
JULIANE SOUSA SILVA

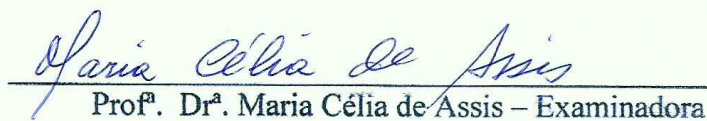
**A LITERATURA INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO  
LEITOR**

Artigo relativo ao Trabalho de Conclusão  
Curso apresentado ao Curso de Graduação  
Licenciatura em Pedagogia da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento  
exigência para obtenção do grau de Licenciatura  
em Pedagogia.

provada em, 20 de 10 de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.ª. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - Orientadora

  
Prof.ª. Dr.ª. Maria Célia de Assis - Examinadora

  
Prof.ª. Dr.ª. Glória Maria de Sousa Leitão - Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, o autor da minha Existência e da minha Fé, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e, ter permitido que tudo acontecesse da maneira que, hoje, está acontecendo. Pois havia momentos nos quais pensava em fraquejar, mas creio que sua mão protetora me ajudou e continuará me ajudando em todos os momentos de minha vida.

Ao meu esposo **Carlos**, o meu grande incentivador que, além de marido, é amigo, conselheiro, companheiro, meu porto seguro.

Ao meu filho **João Pedro**, meu tesouro. Para quem vale todo esse esforço.  
Eu os amo incondicionalmente.

A minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. **Maria do Socorro Moura Montenegro**, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas correções e incentivos e pelas suas palavras me dizendo – Calma! Você não está só, vai dar certo!!!

A minha amiga **Soraia Almeida**, com quem compartilhei meus momentos de aflição na elaboração desse trabalho e que me ajudou a ficar acordada nas madrugadas.

A minha mãe **Socorro Sousa** que me educou e me ensinou a correr atrás dos meus sonhos

A meu pai **Genival de Lima**, que se estivesse aqui na terra estaria vibrando com as minhas conquistas.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – “Crianças realizando tarefas de adultos” Página 08 disponível em:  
<http://peregrinacultural.files.wordpress.com> página.

Figura 2 – “Adultos em miniatura” Pagina 08 disponível em:  
[historiadainfancia.blogspot.com.br/2011/07/invencaodainfancia](http://historiadainfancia.blogspot.com.br/2011/07/invencaodainfancia)

## RESUMO

A literatura infantil sempre foi uma temática na qual tinha interesse em estudar, já que vivenciava essa prática na minha sala de aula. Embora via a maioria de minhas colegas usarem como pretexto para estudar as áreas do conhecimento, como é o caso de português, história, geografia, matemática, ciências. Daí a necessidade de refletir criticamente a prática pedagógica da literatura infantil. Por isso este trabalho tem como objetivo geral investigar a prática da leitura literária/ literatura infantil com professores da educação infantil na cidade de Campina Grande a partir do contexto de sala de aula. E como objetivos específicos evidenciar a contribuição da literatura infantil para a formação do leitor voltada à formação e ao desenvolvimento da criança, os benefícios da leitura e seus aspectos metodológicos e emocionais. A leitura pelo simples prazer de ler possui um caráter construtor de conhecimentos e ampliador de horizontes no mundo letrado, compreende-se que a infância é o período onde a criança absorve mais informações e as guarda na mente, desse modo à leitura pode ser inserida no cotidiano da criança desde os seus primeiros anos de vida, sendo assim no decorrer de sua história a leitura estará presente ajudando na formação do cidadão crítico e reflexivo. Na definição do percurso metodológico, optamos por uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfico, envolvendo três professoras de escolas de Educação Infantil distintas, a partir de entrevista estruturada. Apoiamo-nos em autores, como Àries (1981); Coelho (1984); Soares (1999); Vargas (1993); e Lima (1996), entre outros. Conclui-se nesse trabalho que, a leitura está inserida no ambiente escolar, embora de forma didática e com uma proposta escolarizada em certos momentos, sufocando a leitura por prazer e distração. Em suma esse artigo vem esclarecer a importância que tem a leitura na formação de cidadãos críticos e reflexivos, envolvendo o indivíduo na magia e encantamento da leitura, escola e família precisam estar em sintonia para promover momentos de leitura para o ser em formação intelectual.

**Palavras chave:** Leitura. Desenvolvimento da Criança. Infância.

## INTRODUÇÃO

A leitura está presente em todos os segmentos ao nosso redor, e por diversos tipos de portadores de textos, encartes, folders, anúncios e livros de diversos tipos, livros didáticos, livros de pesquisa e livros de literatura, todos eles tem um objetivo específico, e analisando todos chegamos ao que mais encanta, desperta, mexe com os sentidos - A literatura infantil - é com ela que viajamos nas histórias, nos transportamos para o mundo da imaginação. como acrescenta Vargas (1993, p.6):

[...] Quando leio sou, pois, criadora, uma transformadora da ordem, sempre. E não existe revolução maior do que aquela que se opera em todo ato de fala ou leitura. Quando leio, reescrevo, recrio a cada palavra o que já está aí. O que o mundo me oferece só através da leitura (ou seja: minha ligação efetiva com o que me cerca) adquire sentido, existência, valor.

O presente trabalho tem o objetivo de investigar a prática da leitura literária\ literatura infantil por professores da Educação Infantil, na cidade de Campina Grande-PB, a partir do contexto de sala de aula. Definimos como objetivos específicos: evidenciar o contexto histórico e cultural da literatura infantil; analisar a prática pedagógica de professores da educação infantil com relação aos seus conhecimentos teóricos sobre a literatura infantil; registrar os conceitos que estão subjacentes a pratica pedagógica do professo, relacionando-a a importância da literatura infantil para a formação do leitor; e refletir com os professores em relação à forma como os alunos recebem o texto literário infantil\ literatura infantil.

Falar de literatura infantil é usar a imaginação e transportar para outros lugares olhos, mentes e ouvidos atentos. Em cada trecho que se lê, a mudança na entonação da voz, as cenas mudam e os sonhos aumentam e as expectativas para ver o final da historia e a cada ``...e viveram felizes para sempre`` um misto de alegria, de sorrisos e encantos exalam dos corações.

Coelho (1984, p.12) diz que, “No encontro com a literatura os homens tem a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria existência de vida em um grau de intensidade, não igualada a nenhuma outra atividade”.

A leitura e contação de historia encantam e seduzem os leitores, fazendo brilhar a estrela que está dentro de cada pequeno leitor.

O trabalho foi organizado da seguinte forma: primeiro, discutimos sobre os benefícios do hábito de ler tratados em Magda Soares (1999), passando por um breve histórico da criança e das leituras em meados do século XV, e de como a criança não era respeitada em sua infância, ela era tratada como um “adulto em miniatura”, segundo Àries (1981), pois não eram entendidas como um ser afetivo e cognitivamente diferente dos adultos, e que exerciam trabalhos semelhantes a do seu grupo social, servindo como um aprendizado para a vida adulta. Em seguida, discutiremos a importância do ato de ler, seus benefícios nas áreas, sociais, afetiva, na parte cognitiva e emocional, como também na leitura de mundo e ampliação de vocabulários.

No decorrer desse trabalho passaremos a analisar a (des) escolarização da leitura literária, onde é uma pratica comum usar fragmentos de textos para trabalhar temáticas específicas, dando ao texto um caráter pedagógico e didático, que seria uma escolarização inadequada, por aniquilar o prazer e a paixão pela literatura.

No último capítulo, utilizamos aplicação de questionário para professoras de educação infantil, a fim de especular como as literaturas são utilizadas nas salas de aulas, como é a prática pedagógica em sala de aula da literatura infantil, com 03(três) professoras em



diferentes instituições de ensino, analisamos as respostas e concluímos com a discussão dos dados em questão.

## **1 BREVE REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA INFANTIL – CONCEITOS E ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS**

A leitura é uma competência eficaz para a construção do conhecimento, devendo ser vista como meio de aprendizagem e não como um fim. Contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar; pelo livro, pela história pela leitura. “Ler é uma viagem”, portanto ela deve ser explorada e usada como ferramenta de captação de informação e utilizada para fins de conhecimento da linguagem oral, escrita, informativa e de compreensão ou pelo simples fato de se deliciar ao abrir as páginas de um livro e lê-lo com prazer.

De acordo com Lima, “[...] A literatura é para ser lida e compreendida como arte. Entretanto, produto concreto da humanidade, é um conhecimento que não pode limitar-se a uma análise estético formal que se distancie do ser humano estrutura basilar de sua existência (1996, p 43)”.

Sendo assim, podemos afirmar que a literatura tem como um de seus objetivos primordiais, provocar o prazer no leitor, além de contribuir para que este aperfeiçoe o seu conhecimento poético. Sabendo que seu campo é bastante vasto, por isso deve ser utilizado de modo adequado para contribuir para o desenvolvimento intelectual das pessoas. É nessa direção que a leitura precisa estar inserida no contexto social e cultural do ser humano desde a sua infância.

As histórias não garantem um aprendizado por si só, mas podem ampliar transformar e enriquecer a experiência de vida das pessoas. Por essa razão é que os contos, narrativas e histórias infantis estão sendo inseridas, com mais ênfase, no currículo pré-escolar, já que no âmbito dos anos iniciais do ensino fundamental, a prática com a literatura infantil está ou deveria estar sendo uma constante no cotidiano de sala de aula.

De acordo com Coelho (2003), essa preocupação de contar histórias surgiu quando o homem primitivo sentiu a necessidade de obter explicações racionais para o mundo. Sendo assim, ele começou a buscar no mito e nas narrativas fantásticas a compreensão de algumas coisas, por exemplo: eles pensavam que os relâmpagos eram armas dos deuses, as águas

seriam controladas por sereias ou determinadas arvores ou plantas teriam surgido de algum ato mágico, entre outros vários mitos criados pelo homem primitivo.

Assim, podemos observar que os contos e histórias existem desde os primórdios e que essas histórias nada mais eram que relatos e fatos da vida real, com uma pitada de imaginação. Assim também, surgiram os famosos contos de fadas e bruxas, onde as civilizações antigas passaram a relatar esses contos às crianças para que eles pudessem ajudar na educação e na formação da personalidade delas. Os contos de fada existem a milhares de anos e são considerados, por alguns educadores, importantes para a formação e a aprendizagem das crianças. Ouvir histórias na infância contribui de forma significativa para o início do processo de aquisição do conhecimento e para que o indivíduo seja um “bom” leitor, mostrando um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão de mundo.

Assim, Coelho (2003) afirma que, contos abrem espaços para que as crianças deixem fluir o imaginário e despertem a curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos.

Mas a história nos relata que a ideia moderna de infância surge no Renascimento (séc. XV) e consolida-se no século das Luzes (Séc.XVIII), com o Iluminismo, quando a criança passa a ser vista na sua condição, diferente de um adulto. As crianças eram vestidas com roupas pesadas e escuras tal qual um “adulto em miniatura” - expressão usada por Philippe Ariès (1981), não existia um espaço separado para o mundo adulto e o mundo infantil e a sua infância era apenas se preparar para uma vida adulta, não havia livros, historias e nem brincadeiras especificamente para crianças. Sobre este fato comenta Zilberman (1987, p.15) que:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da sua criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e da manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão.



Figura 1

Figura 2

Existiam, no Século XVII, dois tipos de crianças; a criança da nobreza que era orientada por preceptores e ouvia os grandes clássicos literários, e a criança das classes desprivilegiadas que lia e ouvia histórias de aventuras de cavalaria, as lendas, contos folclóricos e uma literatura de cordel que era considerada pobre. As famílias nobres foram as primeiras a designar um vocabulário próprio para crianças respeitando e interagindo com ela na sua inocência.

Sobre esse ponto Philippe Ariés desenvolveu um trabalho que relata as características da infância a partir do século XII em seu livro: *História Social da Infância e da Família* (1981, p.4) ele relata situações onde a criança não tinha nenhum tipo de tratamento diferenciado:

Contudo, um sentimento superficial da criança –

[...] a que chamei "paparicação" era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como com um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. Quando ela conseguia superar os primeiros perigos e sobreviver ao tempo da "paparicação", era comum que passasse a viver em outra casa que não a de sua família (Ariés 1981, p.4).

Portanto, a criança do Século XVII era tida como um instrumento de manipulação de ideias dos adultos e quando elas apresentavam independência física eram logo inseridas no mundo adulto. Desse modo a sua educação – que não passava pelos estágios atuais da

infância, era garantido através de tarefas realizadas juntamente com os adultos, tudo o que eles aprendiam era ofício que os adultos ensinavam. A afetividade ou a falta dela, também era sentida nesse grupo, nessa família, as demonstrações de carinho para com as crianças eram tidas fora do convívio familiar por vizinhos, amigos, amos, criados. Os sentimentos na família não eram necessários para que convivessem na sociedade, porém se existissem, era proveitoso. As crianças de 7 a 9 anos eram enviadas para casas alheias a fim de serem educadas e quando retornavam ao convívio familiar eram vistos como estranhos.

A família moderna, nuclear que, hoje, conhecemos, composto por pai, mãe e filhos, só se consolidou a partir do século XVIII. Foi neste momento que a família passou a se organizar em torno da criança e a erguer entre ela mesma e a sociedade, o muro da vida privada.

A partir daí, intencionamos tratar, no próximo item, sobre a importância da literatura para a formação do leitor.

## **1.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Apesar de muito se falar em benefícios da leitura para a formação do leitor, ainda há muito que se descobrir sobre o que pode contribuir para que uma pessoa adquira o hábito de ler em sua potencialidade, nas situações de comunicação, expressão, comportamento leitor e como ferramenta para reconstrução de mundo.

De acordo com Vargas (1993, p. 6), “a leitura constitui-se numa das atividades humanas essenciais: penso, ouço, escrevo e leio”. Quando lemos, o cérebro está ativado, os ouvidos se abrem e conseqüentemente, eu escrevo melhor, a estimulação dos sentidos faz com que todo esse processo seja excitado no ser em formação literária.

A leitura e contação de histórias, além de proporcionar um momento lúdico, movido de imaginação e fantasias, também são capazes de ensinar e divertir o sujeito. Não devemos compreender a literatura voltada para um caráter, meramente pedagógico, onde só se faz uso dela quando se utiliza com objetivos didáticos, como pretexto para estudar qualquer outra disciplina e/ou área do conhecimento. Considerando que se todo saber está inserido na literatura sem que seja preciso “forçar a barra”. O que importa é usar a literatura como meio de entreter e através dela mergulhar no infinito mundo das fantasias e no imaginário das

historias lidas e vividas, a leitura é um instrumento fundamental ao exercício do imaginário. A literatura infantil conduz ao conhecimento de mundo. Coelho (1984, p.4), afirma que:

[...] a literatura infantil é importante também por cumprir sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espaço de seu ouvinte e leitores, levá-los de maneira lúdica, fácil de perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia orientando seus interesses, as suas aspirações e suas necessidades de autoafirmação e de segurança ao lhe propor o objetivo, ideias ou formas possíveis ou desejáveis de participação social.

A forma como lidamos com a literatura infantil com as crianças, pode representar entretenimento, questionamento e posicionamento diante do mundo. Quando uma criança lê um livro ela gradativamente amplia seus horizontes, seu vocabulário se torna mais rico, e seu modo de pensar e agir se expande e se modifica.

Essa metodologia de explorar a leitura possibilita ao sujeito/aluno uma forma de fazer com que a leitura ao adentrar na mente da criança faça com que ele, de uma forma ou de outra, modifique o seu comportamento. Considerando que a leitura faz com que o sujeito se abra aos acontecimentos cotidianos e possa decidir ou rever suas vontades, paixões, desejos e sentimentos de toda ordem, conforme Coelho (1984, p.12) diz que, “No encontro com a literatura os homens tem a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria existência de vida em um grau de intensidade, não igualada a nenhuma outra atividade”.

O processo de aprendizagem é uma forma de aquisição de novos conhecimentos, onde o individuo muda o seu modo de agir e pensar. Está relacionado ao ser humano, ao meio em que vive a sociedade e ao saber que se constrói. Conforme Borges (1994, p.125), diz que quando se pensa na formação do ser humano, é inesgotável a importância da literatura, pois promove o desenvolvimento da inteligência e da afetividade, e contribuem no entendimento do equilíbrio entre razão e emoção, utilitário e estético.

Sendo assim, se desejamos formar cidadãos leitores, criativos, críticos e conscientes de sua expressão cultural e aptos a intervirem na sociedade em que estiver inserido, um dos requisitos fundamentais é o enriquecimento do cotidiano infantil com a inserção de: contos, lendas, poemas, histórias infantis que auxiliam no imaginário e contribuem para um enriquecimento cultural.

Martins (1982, p.22) define de uma forma simples e objetiva o que é ler, enfatizando que esse ato não é simplesmente um aprendizado qualquer mais uma conquista de autonomia,

que permite ampliar os nossos horizontes e entender melhor o universo a que estamos inseridos e conseguirmos romper barreiras abandonando a passividade e sendo sujeitos críticos e interativos.

Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres.

O papel do educador não se resume a ensinar a ler e a escrever, mas proporcionar que o educando crie condições de realizar sua própria leitura de mundo de modo prazeroso, de criar fantasias, de solucionar problemas e concretizar desejos. E nisso, o educador avança, ensina a ler e a escrever de uma forma mais ampla, extrapolando o sentido restrito da decodificação da leitura e, também da escrita.

O educador não pode, nem deve desprezar ou descartar a ideia de aprender com a literatura, posto que tudo é literatura, só a partir de Monteiro Lobato houve uma dicotomia e ela passou a se denominar Literatura Infantil. Sabendo que o docente explora a literatura, com base no conceito que ele carrega consigo de leitura, mesmo que esta esteja voltada para a leitura como simples decodificação de símbolos. Coisa que, com esta concepção, o sujeito jamais poderá aflorar o senso crítico dos alunos e instigar constantemente o debate, a socialização e a curiosidade. Ler e contar histórias devem ser práticas culturais prazerosas indispensáveis à rotina diária escolar, podendo também se estender ao contexto familiar. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.23) “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva”. Dentro de uma sociedade onde estão inseridas diversas culturas, cabe a nós, como cidadãos e protagonista principal desse processo educacional, responsável pelo crescimento intelectual de nossas crianças, buscar o próprio conhecimento de outras culturas, etnias, línguas e sentimentos. A leitura também faz parte desse processo; temos que valorizá-la e ir além, até onde a nossa imaginação permitir. Sobre esse aspecto, “ler, portanto, significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador, pois me obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que me cerca”. (VARGAS 1993, p. 6).

Diante do exposto, posso afirmar que a literatura infantil tem a função, não só de ampliar os horizontes, mas de ampliar o vocabulário, através do seu habito diário. O adulto que compartilha a leitura com uma criança desde cedo instiga a esse pequeno o prazer por ler

e o encantamento que a leitura carrega entranhada nas páginas de um livro, nas suas imagens e nas suas expressões, no seu vocabulário rico em palavras com sinônimos diferentes, que ao tomar noção delas amplia-se o conhecimento e reconhece palavras que antes era desconhecido. Sobre essa questão de ampliação desse vocabulário, entendo que; quando o leitor ouve certa palavra, mesmo que já conhecida por ele, logo esse leitor, se remete a outra situação em que viu ou ouviu uma cena parecida com tal qual ele está lendo ali quando lemos ou apresentamos a leitura a uma criança estamos mostrando um caminho cheio de possibilidades tanto para a vida pessoal como para sua vida social. O encantamento pela narrativa e pela atitude de pegar e ler um livro – mesmo não compreendendo a história, já que a criança está compreendendo a língua escrita; ela cria um vínculo agradável e prazeroso pela leitura. Sendo assim, além de ensinar, a leitura também é exercício de prazer, de entretenimento. Sobre essa afirmação Coelho (1984, p.14) nos mostra que:

A literatura infantil é importante também por cumprir sua tarefa de alegrar, divertir, ou emocionar o espaço de seu ouvinte e leitores, leva-los de maneira lúdica, fácil de perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, as aspirações e suas necessidades de autoafirmação e de segurança ao lhes propor o objetivo, ideias ou formas possíveis ou desejáveis de participação social.

A leitura pode ser definida como arte, pois com ela nos permite reinventar, recriar cenas e acontecimentos, vivências e experiências que nos leva a um mundo totalmente desconhecido que possui infinitas possibilidades de exploração da mente e do corpo. A leitura além de trazer conhecimento, trás também imaginação, vibração, emoção.

E ainda nesse contexto Vargas (1993, p.6), aponta:

[...] Quando leio sou, pois, criadora, uma transformadora da ordem, sempre. E não existe revolução maior do que aquela que se opera em todo ato de fala ou leitura. Quando leio, reescrevo, recrio a cada palavra o que já está aí. O que o mundo me oferece só através da leitura (ou seja: minha ligação efetiva com o que me cerca) adquire sentido, existência, valor.

É através das histórias que o contador pode despertar a imaginação dos ouvintes conduzindo-os ao mundo do imaginário, das fantasias que está sendo criado ao seu redor. O fato de a criança se interessar e gostar de ouvir historiam é muito importante pois ao ouvir a

narração ela se transporta para um mundo imaginário e cheio de fantasias, para outras épocas e outros modos de agir, além de enriquecer o seu conhecimento, aguçar a sua curiosidade, e engrandecer o seu vocabulário. Percebe-se também que em outras situações as crianças tendem a reproduzir as histórias e contos ouvidos, nas suas brincadeiras e falas com as outras pessoas. Segundo a afirmação que traz no RCNEI (BRASIL 2002, p.143),

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e modo de ser do grupo social ao qual pertence.

Através do livro as crianças podem descobrir um universo de aventuras, um mundo cheio de magias que é prestado nas páginas de um livro, o leitor estabelece uma relação entre a fantasia e a realidade criando um palco de possibilidades e um cenário de criatividade e imaginação.

Podemos citar como exemplo, os contos de fada, as fábulas, que encantam os seus apreciadores fazendo-os fixar os olhos, ouvidos e mentes no relato do gênero. E esse encantamento é o que faz as crianças gostarem de ouvir a mesma história várias vezes, mesmo já sabendo o seu final e o que vai acontecer a cada página lida.

De acordo com Piaget (1975, p.14), “[...] as crianças adquirem valores morais não só por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através da interação com o meio ambiente”. Nesta fase, ouvir histórias (principalmente os contos), entre outras atividades, é possibilidade real de desenvolvimento e aprendizagem.

A leitura tem este poder de auxiliar na construção do conhecimento e da personalidade, formação de valores e capacidade de análise e interpretação dos pequenos leitores-ouvintes. Sendo assim, é no livro, é na leitura literária infantil em que ainda acreditamos na formação de cidadãos críticos, conscientes e formadores de opinião.

É oportuno trazer à tona nesse artigo uma reflexão de Carlos Drummond de Andrade sobre a literatura infantil, quando nos diz que:

O gênero ‘literatura infantil’ tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja



lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinados a adultos, que não possa ser dado à criança, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? (Carlos (Drummond de Andrade, literatura infantil, em Confissões de Minas) Apud, SOARES, 1999, p. 18).

Percebemos que esse autor suscita no leitor uma questão não debatida na escola, quando se trata da concepção de literatura infância advinda do docente, mas que é de extrema relevância para que o docente possa, de fato, rever a sua forma de utilizar a literatura infantil, quando o docente deve pensar: o que caracteriza uma determinada literatura como infantil?

Outro aspecto que merece atenção, Segundo Soares (1999), relaciona-se com o fato de se trabalhar uma literatura de modo à didatizá-la, o que é grave, pois se a escola trata a literatura para ser estudada, esta deixa de cumprir a sua real função, que é a de dar prazer, divertir e emocionar.

## **1.2 a (des) escolarização da literatura infantil e juvenil**

A problemática da “escolarização da Literatura infantil e Juvenil” estudado pela autora Magda Soares traz uma preocupação recorrente nas práticas pedagógicas de sala de aula: o uso de leituras literárias apenas pelo fato de “instruir” o conteúdo a ser abordado no processo de escolarização. Venturelli (2002) afirma que a questão da leitura do texto literário para os professores é uma obrigação burocratizada, não passa de uma tarefa, muitas vezes, sistematizada e enfadonha que nada tem de relação com a vida do aluno. Segundo a autora, a escola tornou a leitura do literário uma prática fossilizada, que não prepara o aluno para constituir sentido para o texto literário.

Ler não é mais produzir significado, entrar no texto para reescrevê-lo e por meio dele captar as sondas que o autor lançou sobre dores e alegrias humanas. Literatura, na escola, é questão de enredo e personagem, título e características. É vista como se os autores tivessem uma fórmula mágica, a qual se submeteriam para produzir o texto. Linguagem, visão de mundo, diálogo com a tradição e com as outras produções não são levados em conta. (VENTURELLI, 2002, p. 151).

Afora o que esse autor trata, trazemos, ainda, Soares (1999), para nos dizer que, não há como ter escola sem ter escolarização de conhecimentos, saberes, artes: o surgimento da escola está indissociavelmente ligado à constituição de saberes escolarizados, desde que o docente se preocupe com a forma como escolariza a literatura infantil, sem didatizá-la, isto é, usá-la com fins pedagógicos e avaliativos, conforme trataremos abaixo.

Para tanto, urge que saibamos que as escolas, enquanto instituição educacional que tem o papel de educar e formar os sujeitos, também necessita de se utilizar de normas estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em vigor, no que concerne à estrutura, currículo, práticas pedagógicas, organização por faixa etária, competências, saberes, objetivos e ações. É a todo esse processo que se denomina escolarização que, para Magda Soares (1999), é um processo inevitável, porque é da essência da escola, é o processo que a constitui.

Portanto não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar saber escolar, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização inevitável e necessária; não se pode criticá-la ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola. Desse modo, não se deve negar a escolarização da leitura, mas a sua inadequação no sentido de informar, de estabelecer novos caminhos de aprendizagem literária.

[...] o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendido que ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o (SOARES, 1999, pág. 22)

Em seu artigo a autora aponta três instâncias de escolarização da literatura infantil, que são elas: a biblioteca escolar, onde são estabelecidos horários determinados para visitaçã, que livros serão lidos no ambiente literário, o tempo de permanência no local, dentre outras regras a principal e mais recorrente seria as estratégias de socialização da leitura; quem orienta a escolha do livro, muitas vezes a professora pede para que os alunos peguem livros sobre determinado tema, ou sobre esse ou aquele autor, ou algum gênero determinado, ao qual esteja sendo estudado no plano de aula.

Outra instância diz respeito à leitura e ao estudo de livros de literatura; esse tipo de prática diz-se do estudo de livros que são determinados por alguns professores, onde a leitura não será por prazer, ou por mera distração, será uma leitura avaliativa, onde se investigará se a leitura está sendo feita “corretamente”. E, o que se entende por esse tipo de leitura? E, o mais grave ainda é ser um tipo de livro/leitura imposto/imposta, que será usado em algum seminário, peça, musical, trabalhos em grupo, enfim, tudo que será relacionado à avaliação desse aluno. O último ponto diz respeito à leitura e o estudo de textos, onde são apresentados fragmentos de textos que devem ser lidos compreendidos e interpretados.

Para Soares (1999, p.23), é nessa instância que a escolarização da literatura é mais intensa, e é também nesta instância onde ela tem sido mais inadequada. Essa prática é bem recorrente nos livros didáticos onde o autor coloca apenas um trecho de um poema ou de um livro e o aluno faz ali a sua interpretação e responde às perguntas frequentes a atividade.

Ressaltando a importância da interação para a compreensão do texto, por parte do leitor em formação, observa-se que, mesmo que o texto seja lido na íntegra pelo aluno, a mediação é necessária para que os sentidos possam ser apropriados. Tem-se, então, que investigar como é feita essa mediação pelo livro didático – que muitas vezes, nem ao menos, disponibiliza o texto na íntegra para o aluno – e pelo professor, para que se verifique se tais mediações contemplam às necessidades de leitores literários em formação.

Percebe-se então uma necessidade de reverter este quadro de refazer os textos antes fragmentados para ser usado na sua íntegra, não extinguindo seu real significado buscando um desenvolvimento íntegro do aluno com textos coerentes e coesivos. Sendo assim, [...] “compreender um texto não é captar a intenção do autor, nem tampouco restaurar o sentido que o autor lhe outorgou. O sentido de um texto é a possibilidade que ele oferece ao leitor de superar. É o momento propriamente pedagógico de uma leitura” (SILVA, 1988, p.52).

O ato de ler não significaria uma obrigação, mas uma diversão, quando se faz algo por prazer ele se eterniza na mente, nesse sentido o texto tomaria a proporção de seu real valor e sentido. Os livros didáticos usados em sala de aula são o grande vilão que deturpa o sentido das obras de literatura. O docente precisa propor ao aluno estratégias de leitura onde ele possa interagir, dialogar, sentir e absorver o sentido do texto na sua totalidade deixando de ser um mero transmissor de conhecimentos pré-estabelecidos passando a ser um agente de informações com opinião própria, um leitor crítico e reflexivo sendo co-autor do desempenho literário e das práticas de leitura.

## 2 A METODOLOGIA DA PESQUISA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR

Nesse trabalho utilizamos a pesquisa qualitativa, do tipo etnográfica, já que:

O objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula, em especial a etnografia, é o desvelamento do que está por dentro da caixa preta no dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se ‘invisíveis’ para os autores que deles participam (BORTONI, 2008, p. 49).

Sendo que os sujeitos dessa pesquisa foram três professoras de escolas distintas, que apresentaram a realidade de sua prática pedagógica, por meio de entrevista estruturada.

É no interior da prática pedagógica que somos estimulados a pensar sobre a importância da literatura infantil e a ação pedagógica na escola. No dia a dia nos deparamos com situações que nos impulsionam a caminhos que nos levam a leitura motivada por prazer, por necessidade, obrigação, brincadeira ou somente para passar o tempo. São diversas situações que nos mostram que a leitura é importante para a construção de conhecimentos, possibilitando o desenvolvimento social, intelectual, afetivo e cognitivo do ser humano.

Nessa perspectiva, é através da leitura que as crianças adquirem sua consciência de mundo, sendo assim, a literatura infantil aparece como importante objeto cultural indispensável, que pode ser utilizada pela escola de variadas formas na construção do desenvolvimento do ser humano, ou seja,

A escola é hoje, o espaço privilegiado na qual deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. No entanto, pensar na escola, sugere uma reflexão sobre a prática pedagógica, na medida em que se assume a responsabilidade dessa formação intelectual da criança (COELHO, 2000, p. 16).

Com base nessas reflexões, utilizei de uma metodologia de pesquisa por meio de entrevistas para fazer uma análise da prática pedagógica de três professoras, de escolas distintas, em relação à leitura de livros literários em sala de aula, para tanto utilizei professoras de instituições diversificadas, pois a intenção era de fazer a checagem com

docentes das áreas privada e pública. Visando uma abordagem crítica das diversas formas de levar a leitura para os alunos em instituições diferentes.

Para tanto, apliquei o questionário para 3 (três) categorias de instituições e professores: a primeira, foi direcionado à professora de escola municipal, a quem chamarei de P1, a segunda para uma professora de rede privada a quem chamarei de P2, e a terceira direcionei à professora de escola pequena e privada de bairro, onde chamarei de P3.

Como você trabalha a literatura infantil? Apresente com detalhes.	
Professor 1	Trago para que os alunos manuseiem, depois deixo que cada um fale o que perceberam e explorem todas as imagens deixando que façam uma leitura não verbal. Em seguida, faço o reconto original.
Professor 2	Em diversos momentos, há aqueles em que as crianças manuseiam as literaturas livremente, realizando a leitura não verbal. Outro, é quando realizo a leitura auditiva, solicitando que eles representem graficamente a capa do livro, o fim da história, os personagens, a parte que mais gostou; dentre outros.
Professor 3	Temos alguns exemplares na sala de aula as crianças gostam e se divertem com os livros, mas não temos uma programação específica para trabalhar com as literaturas, a não ser quando vamos apresentar algum projeto.
A literatura infantil para você contribui para quê? Explícite.	
Professor 1	A literatura infantil contribui para que o aluno possa despertar a sua imaginação e o gosto pela leitura.
Professor 2	A literatura infantil contribui para o desenvolvimento emocional da criança. Pois muitas vezes ela não consegue expressar suas emoções. Ela precisa construir experimentar e vivenciar para poder desenvolver estes aspectos emocionais, sendo assim, ao contarmos uma história para eles, estamos permitindo que as crianças acompanhem a trajetória do personagem, e compartilhem com o grupo as emoções, sofram com os conflitos, vibrem e torçam pelo final feliz.
Professor 3	A literatura tem grande contribuição para os alunos se desenvolverem, tanto na leitura como na escrita e alguns títulos trazem ensinamentos para as crianças. A leitura traz benefícios

	como atenção, concentração, diversão e ensinamento.
Como é a recepção por parte dos alunos quando você explora a literatura infantil? Explique	
Professor 1	Os alunos adoram quando deixo que eles manuseiem, explorando as gravuras e contando a história da forma que eles gostariam que fosse, ou seja, fazem a leitura de imagens, depois fazemos comparações do conto original e do reconto feito por eles.
Professor 2	As crianças ficam ansiosas, mesmo que as conheçam, prestam atenção ao decorrer da história e o final dela, pedem para contar outra vez e quando solicito o reconto eles fazem com empolgação.
Professor 3	Quando as crianças manuseiam os livros elas se encantam e viajam nas histórias e nas imagens que os livros trazem. Na hora da leitura eles param, prestam atenção e se concentram interagindo com as histórias. É um dia fantástico e esperado pelas crianças.

Ao iniciar a análise dessa primeira pergunta, observamos que a P1 trabalha a literatura infantil de forma aleatória, solta, quando deixa que os alunos emitam sua opinião sobre a leitura. Mesmo que deixe transparecer a liberdade do autor, mas não configura comprometimento da parte dessa professora. Ao compreender que a professora poderia mergulhar na história levada para a sala de aula, precisando, apenas, que instigue o leitor a se colocar, a ouvir uma voz interior, sua opinião, sua ideia, mesmo que, de forma tímida.

Continuando a análise do questionário vemos que a P2 usa a literatura com a finalidade de aplicar um conteúdo, de ensinar através da contação de história. Em algum momento ela deixa as crianças manusearem os livros, mas em seguida virá um questionamento acerca daquele exemplar, onde não se permite que a criança explore a leitura pelo simples fato de ler.

A professora a quem chamo de P3 notoriamente não vê as literaturas como um deleite, um momento de prazer pela leitura, às crianças, pelo que ela diz, até exprimem uma vontade maior de mergulhar no universo dos contos e narrativas contidas no livro literário, mas bruscamente eles são tolhidos desse momento, pois a professora precisa seguir a sua aula mostrando conteúdos (mais importantes), que a escola exige no seu planejamento.

Continuando as análises dos questionários seguimos para a segunda pergunta. A P1 entende que a literatura tem sua capacidade eficaz no desenvolvimento da criança, porém, nas praticas diárias com a literatura não coloca em prática a sua teoria. Não podemos perder de vista que a professora P1 assume, com transparência e sem ardeios, a sua real prática pedagógica, é uma profissional autônoma, que não nega, nem muito menos inventa a sua forma de ser. A professora poderia envolver as crianças numa leitura pelo simples prazer de ler, sobretudo quando compreendemos que:

[...] a literatura infantil é importante também por cumprir sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espaço de seu ouvinte e leitores, levá-los de maneira lúdica, fácil de perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia orientando seus interesses, as suas aspirações e suas necessidades de autoafirmação e de segurança ao lhe propor o objetivo, ideias ou formas possíveis ou desejáveis de participação social (COELHO, 1984, p.4).

Observando que a P2 tem consciência de que a criança amplia seus conhecimentos e sua visão de mundo através da leitura, mas nem sempre a leitura que é utilizada na sala de aula é usada para deleite, sempre o texto literário é utilizado de forma inadequada, como a P2 nos aponta na resposta a pergunta numero 1, usando a leitura como praticas pedagógicas para passar conteúdos. P2 e P3 usam o mesmo argumento em razão das contribuições da literatura para a criança, todavia, suas ações em sala de aula são de forma semelhante, sendo que a P3, demonstra não saber manusear, instigar, oferecer a literatura para as crianças, pois na sua pratica ela é pouco explorada. A criança necessita de estímulos e incentivos para realizar a leitura, não havendo a literatura fica esquecida e a criança não sentirá a necessidade de fazê-la, pois não faz parte da sua rotina escolar.

Ao analisar o terceiro questionamento, nota-se que as respostas são similares, entre a P1, P2 e P3, elas mostram que os livros, para as crianças, causam um misto de emoções, alegria, encantamento, prazer, ansiedade, empolgação, a medida que elas abrem os livros ouvem e contam as historias.

Elas têm essas possíveis certezas, porém exploram a literatura para ser usada como parte do currículo e da proposta pedagógica, com fins puramente didáticos, fazendo com que a literatura perca o seu sentido, o seu significado, seja o de divertir, o de distrair e oportunizar prazer para essas crianças.

O questionário serviu de termômetro para que pudéssemos conhecer e talvez intervir na prática pedagógica das professoras pesquisadas em algumas escolas quanto ao uso da literatura para crianças em torno de 4 a 6 anos em período pré-escolar em escolas na cidade de Campina Grande.

O fato que se pode concluir é que quando se usa as literaturas pensando em ser prazerosa logo se assume o caráter pedagógico, tendo em vista que precisa de um maior comprometimento, por parte das professoras, no tocante à formação leitora dos alunos, coisa que vimos nessas respostas. Assim como vimos nas palavras de Magda Soares, quando trouxe a preocupação recorrente nas práticas pedagógicas de sala de aula, com o uso de leituras literárias apenas pelo fato de “instruir” o conteúdo a ser abordado no processo de escolarização.

As professoras até cumprem o seu papel de contadora, de mediadora de histórias, mas, logo esbarram no currículo e planejamento escolar e precisam desempenhar o que está no papel, didatizando, escolarizando as literaturas. Por outro lado a magia que os livros trazem não deixa de ser passado para todas as crianças. Cumprindo assim o seu papel de encantar e levar encantamento para o seu público.

As professoras analisadas dentro do seu contexto de sala de aula não dispõem de material suficiente para a aplicação de novos métodos para a elaboração de novas estratégias de leitura, o tempo também se torna um vilão, pois para realizar leitura e contação ou um trabalho com literaturas mais elaborado, é exigido tempo, e na escola tudo é cronometrado.

Entretanto, diante dessa limitação de tempo, ainda é na escola e nos seus profissionais que depositamos nossas esperanças com relação às literaturas, como diz Coelho (2000, p. 16): “A escola é hoje, o espaço privilegiado na qual deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo”. A hora da história produz encantamento e proporciona momentos de descontração, de envolvimento, de descobertas. Os docentes não devem desprezar essa arte, e deve estimular os seus alunos na prática da leitura, criando hábitos, designando novos métodos, buscando ambientes diferenciados para a prática da leitura, preocupando-se em não deixar esmorecer o exercício da leitura em sua sala de aula. Todo professor comprometido com a educação precisa encontrar estímulos para que seu aluno desenvolva o gosto pela leitura literária utilizando de métodos novos e antigos para a prática da mesma.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas últimas palavras se direcionam para o meu objetivo geral que foi o de Investigar a prática da leitura literária/ literatura infantil com professores da educação infantil na cidade de Campina Grande a partir do contexto de sala de aula.

Durante a verificação dos dados e a aplicação do questionário pude comprovar que as professoras pesquisadas realizam o manuseio e a contação de histórias para as crianças, porem algumas delas não possuem estratégias de apresentação das literaturas, no geral oferecem a leitura, mas pedem algo em troca, a leitura não é feita pelo prazer de ler. O que acontece continuamente nas salas de aula. Ao ler histórias para os alunos, o professor abre as portas da sala de aula para a descoberta do mundo da palavra e da escrita, encantando o leitor e o levando para lugares além da imaginação.

A leitura sempre encantou as pessoas de todas as idades, em especial as crianças, mas em épocas passadas não foi assim, a infância era desprezada e a criança não era valorizada como um ser em construção e desenvolvimento, as primeiras histórias que elas conheciam era de cavalarias, de guerras, onde muitas vezes nem era própria para a sua idade mas escutavam atentamente a tudo, revelando assim o poder de encantamento que uma historia revela. E ao longo do tempo, o aperfeiçoamento e a criação de novas obras aguçaram ainda mais o imaginário infantil.

Era uma vez... Assim começa muitas histórias e logo que essas palavras são pronunciadas os olhos brilham, os ouvidos e a mente se abrem para internalizar e absorver tudo que vem por aí. E vamos começar a viagem ao lindo e emocionante mundo da imaginação.

Durante algum tempo deu-se pouco ou nenhum valor a literatura infantil, sendo que ela sempre existiu e estava lá só esperando alguém para abrir as paginas e iniciar a historia. Mas bem no inicio não se falava em paginas não, as historias eram contadas usando, o imaginário, as cenas da realidade, a visão de mundo que os adultos tinham, com uma pitada de fantasia, e assim eram criadas as historias, fabulas e contos, que quando era apresentada para as crianças aguçavam o desejo de ser tal personagem relembrando os contos lidos, inserindo essas crianças no mundo da leitura, aos poucos ia se formando o pequeno leitor, consciente, critico e formadores de opinião. Foi então que a criança foi ocupando o seu espaço na sociedade do século passado. Que até então eram vistas como um “adulto em miniatura”. E a leitura pode-se dizer que contribuiu para trazer a criança para o seu lugar de criança, sendo tratada e respeitada como tal.

Quando se lê para uma criança assume-se o papel de mediador, de piloto desse trem de ilusões e fantasias. E nos dias atuais a escola e a família, lidam com adversários bem fortes que são as mídias digitais: televisão, celulares, tablets, games entre outros são os grandes obstáculos que a leitura precisa driblar para chegar e encantar os seus leitores e essa tradição permanecer entre nós.

Ler e ouvir histórias informa, acalma, prende a atenção, ajuda na socialização de ideias e ainda educa e ensina a ler e a escrever. A hora da história, seja feita em casa ou na escola, tem como principal objetivo instigar o pequeno leitor a gostar de ler e se expressar através da leitura, quando se lê para uma criança um mundo de possibilidades se abre e a mente se torna mais ampla para questionar, se expressar ocorre um amadurecimento físico, mental e intelectual.

## **ABSTRACT**

The children's literature has always been a subject in which he had an interest in studying, since experiencing this practice in my classroom. Although via most of my colleagues use it as a pretext to study the areas of knowledge, as in the case of Portuguese, history, geography, mathematics, science. Hence the need to reflect critically the pedagogical practice of children's literature. So this work aims general investigating the practice of literary reading/children's literature with professor education child in the city of Campina Grande from the concept of the classroom. And as specific to highlight the contribution of children's literature to the reader dedicated to formation and development of the child, the benefit of reading and its methodological and emotional aspects. Reading simply because reading has a constructor character of knowledge and enlarger horizons in the literate world, it is understood that the childhood is the period where the child absorbs more information and keeps in mind, thereby reading can be inserted into the daily life of children from the first years of life, so in the course of its history the reading will be present helping in the formation of critical and reflective citizen. In the definition of the methodological course we opted for a qualitative research of the ethnographic type involving three teachers of elementary schools, from structured interview. We support you in authors such as, Ariés (1981), Soares (1999), Coelho (1984); Vargas (1993); Lima (1996), among others. This work concluded that the readings embedded in the school environment albeit didactic and with an offer educated at certain times, suffocating reading for pleasure and distraction. In short, this article clarifies the importance of reading in the formation of critical and reflective citizens, involving the individual in the magic and anchantment of reading, school and family need to be in tune to promote reading for moments in intellectual.

**Key words:** Reading, child development, childhood.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Literatura Infantil, em Confissões de Minas. In Soares, 1999.

ARIÉS, Philippe, História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BORGES, Tereza Maria Machado A criança em idade pré-escolar. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORTONI- RICARDO, Stella Maris, O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

\_\_\_\_\_. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. A literatura Infantil: história, teoria, análise. 3 ed. São Paulo: Quiron, 1984

LIMA, Aldo de, Políticas educacionais e ensino de literatura brasileira. Recife: Editora Universitária-UFPE, 1996.

MARTINS, Maria Helena, O que é leitura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA, Patrícia Suely Teles de. A construção dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças. 62 p. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – UNEB,

PIAGET, Jean Como se desarrolla la mente Del niño. In: PIAGET, Jean et allii. Los años postergados: La primera infância. Paris: UNICEF, 1975.

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. Rio de Janeiro: Zahar 1975.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). Escolarização da leitura literária. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VARGAS. Suzana. Leitura: uma aprendizagem de prazer. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

VENTURELLI, Paulo. A leitura do literário como prática política. Revista Letras, Curitiba, n. 57 p. 149-172. Jan./jun. 2002.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: global, 1987.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.